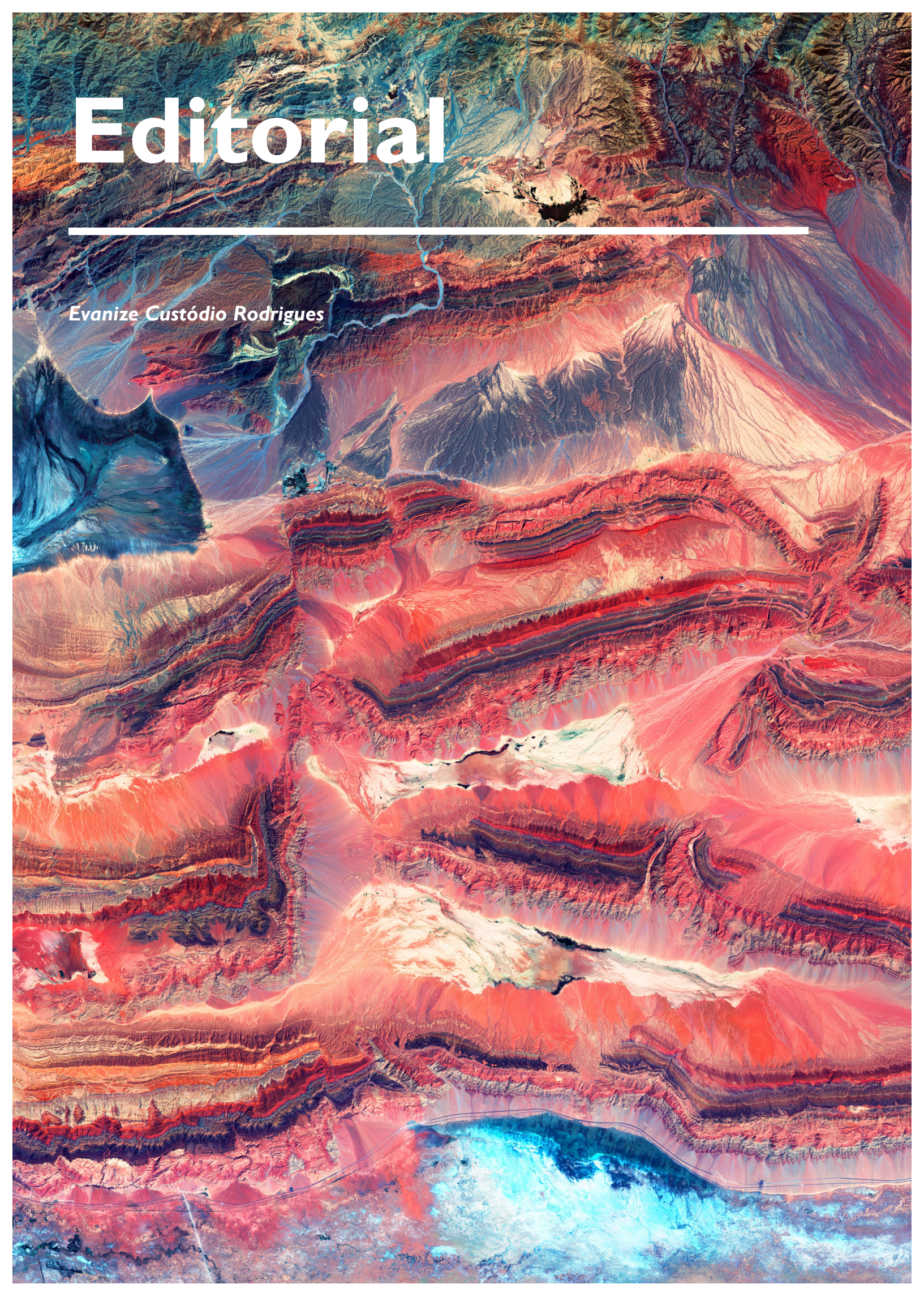


# Editorial

---

*Evanize Custódio Rodrigues*



*Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica, É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.*

*Paulo Freire*

Vocês estão me ouvindo? Conseguem ver minha apresentação? Tem alguém aí? Estas e outras indagações me acompanharam durante o ensino remoto emergencial (ERE), instituído em decorrência da pandemia da Covid-19. Eram incertezas frequentes, signo dos desafios que encontrei para me comunicar digitalmente com os estudantes, superando limitações e aprendendo a utilizar e/ou a aperfeiçoar o uso de ferramentas virtuais como o *Google Meet*, o *Jamboard*, o *Mentimeter*, o *Padlet*, o *Word Wall*, o *Google Drive*, o *Google Forms* e tantos outros artefatos utilizados para viabilizar o processo de ensino e de aprendizagem remoto.

No contexto das restrições devido à pandemia, ao tempo em que se vivencia a disseminação acelerada do conhecimento, pela via das novas tecnologias da educação, depara-se com crises e problemas no campo não só sanitário, mas também político, econômico, social e ambiental. Um conjunto de fatores foram elucidados favorecendo desequilíbrios e comprometendo a qualidade de vida das pessoas e porque não dizer ameaçando o planeta.

Identifico, todavia, um tempo propício para buscar compreender mais a fundo os fatores que possam garantir a preservação da vida e humanização das pessoas. A educação escolar tem um papel fundamental na construção dessa compreensão, desde que a escola se constitua como um laboratório vivo favorável à produção do conhecimento. No caso das Universidades, esse processo deve envolver docentes formadores e seus estudantes, especialmente os que estiverem cursando os estágios curriculares supervisionados.

No enfrentamento das grandes questões da educação superior em geral e da formação de professores, em particular, é preciso mesmo disseminar o esperar. Preciso seguir em frente na busca daquilo que nutre de estética e de ética a ação de ensinar e de aprender, na perspectiva de uma educação emancipatória. Essa abordagem, atenta à qualidade do ensino, é propícia à promoção da vida e da justiça social e, sobretudo, à redução das desigualdades sociais, dentre elas a exclusão das pessoas com deficiência.

Esse tempo desafiador vem afetando todo o mundo, refletindo nas diversas esferas da sociedade, incluindo a escola que se configura como um espaço e um tempo imprescindíveis para a educação de crianças, adolescentes, jovens e adultos de diferentes idades e níveis de ensino. Nela encontram-se os docentes, os gestores, a coordenação pedagógica e demais profissionais da educação, cuja função deve voltar-se para uma escola reflexiva que proclama valores progressistas, como a ética, o respeito, a criticidade, o diálogo e a liberdade. Essa perspectiva de educação como especificidade humana coaduna com o pensamento freireano, sendo propensa à ação transforma-

dora do processo educativo em favor do desenvolvimento da humanidade.

Nesses tempos de incertezas e inseguranças, o ensino remoto exigiu dos docentes novas atitudes pedagógicas e uma nova compreensão sobre a ação de ensinar e de aprender, de modo que o docente comprometido com sua função social, se debruçou no estudo para redesenhar sua prática e promover estratégias pedagógicas interativas para motivar os estudantes na continuação de seus estudos, mesmo diante dos obstáculos e das contradições evidenciados.

Os textos apresentados neste Caderno de Estágio ecoam vozes sobre possibilidades e desafios de educar nesse contexto e, portanto, revelam experiências prósperas de graduandos em processo de “aprendência” e de formação. Experiências que representam saberes construídos num terreno fértil para a consolidação das relações educativas, que valorizem o processo de inclusão e a formação de educadores atuantes e críticos, preparados para uma participação ativa na tomada de decisões e para o exercício da autonomia mediante as demandas emergentes do cotidiano escolar.

A superação dos desafios advindos do estágio supervisionado realizado no ensino remoto ou na transição do ensino híbrido ao presencial; a elaboração de estratégias pedagógicas em espaços escolares e não escolares; a compreensão sobre a importância da relação teoria e prática; a pesquisa como princípio formativo na docência; e a reflexão sobre a educação inclusiva, em linhas gerais, constituem ideias que sustentam os discursos revelados nos textos produzidos pelos autores e autoras desta edição. Discursos procedentes de uma busca pela boniteza, pela descoberta da essência do que se procura e do cuidado com o saber que se deve ensinar (FREIRE, 2020) são aspectos importantes para refletir sobre o sentido e o significado das intervenções educativas para a vida do educando e para a vida em sociedade.

Na modalidade do ensino remoto emergencial, tentando se distanciar do imobilismo, buscou-se a alfabetização digital para criar possibilidades de atender da melhor maneira possível as necessidades cognitivas e socioemocionais dos educandos. A constatação das dificuldades e entraves no trabalho docente demanda uma reflexão crítica na busca da compreensão do que é possível fazer para superar os problemas emergentes, ou seja pensar a parte que nos cabe fazer, enquanto educadores (RIOS, 2011).

Percebe-se que os desafios foram enfrentados por autores e autoras desta edição, mesmo diante de um contexto estigmatizado pela insegurança, pelo medo, pela incerteza, pelas perdas, pela desvalorização do docente, da ciência e, ainda, enfrentando conflitos aflorados no período de isolamento e distanciamento social. Contudo, foi nesse cenário instável que nós profissionais da educação nos reinventamos e redimensionamos nossa atividade docente a partir das nossas próprias carências e limitações.

Foi nesse cenário, também, que se teve a possibilidade de aprimorar a compreensão sobre a importância das tecnologias educacionais para o ensino. Porém, cabe destacar, que seu uso não desqualifica ou substitui a função do docente, bem como não representa um instrumento salvífico

destinado para resolver os problemas da educação. Isso constitui um mito. O docente na ação de planejar sua atividade prescreve sobre as intencionalidades educativas ao usar um artefato tecnológico para auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem. Saliento que a mediação do docente nesse processo traz a essência da dimensão humana e, por isso, deve estar associada ao processo de humanização dos educandos.

Para tanto, atender às especificidades de uma prática educativa inovadora num contexto pandêmico exige do docente o desenvolvimento de saberes, competências e habilidades que permitam que ele compreenda a função social da atividade proposta e a contribuição para a formação integral do educando. Vive-se num constante movimento de ir e vir. Nessa dinâmica, “tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei” (FREIRE, 2008, p. 94).

No âmbito do estágio supervisionado, refletir sobre a prática educativa junto aos docentes em serviço é condição dialógica imprescindível na articulação entre a teoria e a prática. É uma oportunidade fecunda para compreender o saber fazer bem. Para Rios (2011), o saber fazer bem está no contexto do desenvolvimento das competências técnica-ética-estética-política cuja intencionalidade é que o educando construa conhecimentos com sentido e significados e, sobretudo, seja um agente de transformação.

Aqui, sinalizo o quão é importante voltar-se para a formação inicial para a docência, assim como para os processos de formação continuada nas escolas da educação básica, com o propósito de fazer possível o que é preciso ser feito para qualificar o processo educacional. E, nesse sentido, é preciso agir e perceber a necessidade de planejar ações educativas que corroborem com o desenvolvimento integral dos educandos. Ações pedagógicas elaboradas de forma intencional que provoquem mobilização de saberes úteis e contribuam para o processo de humanização dos educandos e educadores. “É a partir dos profissionais que somos que vamos caminhar para os profissionais que queremos ser” Rios (2011, p.109).

Importa destacar o quanto é importante a socialização dos relatos de experiências, dos artigos científicos, dos contos e das poesias aqui referendados, uma vez que retratam realidades, desafios, conflitos, superações e conquistas descritas por graduandos em processo de formação inicial docente. E, por isso, suscita e estimula o debate sobre a realidade dos espaços escolares ou não escolares e sobre a prática pedagógica no estágio supervisionado, oportunizando reflexões sobre quais as possibilidades e quais os desafios da prática docente, bem como encorajando outros graduandos/estagiários para a publicação de suas experiências. A pesquisa como princípio formativo veiculado nas experiências de estágio favorecem a reflexão sobre a ação pedagógica elaborada de maneira a elucidar o sentido do conhecimento produzido.

Evidencio, portanto, que as produções escritas, corpo fecundo desta edição do Caderno de Estágio, instigou-me a refletir sobre a importância da formação científica na docência quando se considera a educação científica um processo educativo, ou seja, como parte da formação do futuro educador, do educador-educando. Para Demo (2014), a mudança fundamental no perfil docente é

a prioridade da autoria, uma vez que, se almeja que os educandos sejam autores no seu processo de aprendizagem, é preciso educadores autores, os quais na elaboração de suas estratégias educativas primam pela construção da autoria e da autonomia. Educar pela pesquisa, contribui para o desenvolvimento da cidadania que sabe pensar (DEMO, 2014) e repercute no aprimoramento da qualidade de vida dos educandos e dos envolvidos no processo de produção do conhecimento.

No âmbito da formação inicial docente, eu diria que se trata de oportunidades para ressignificar os processos formativos a partir de uma atitude investigativa dos licenciandos, tomando a prática pedagógica docente e escolar como objeto de análise, repensando os saberes essenciais à docência (PIMENTA, 2012). Este aspecto está intimamente relacionado à construção da identidade docente o que favorece a formação de docentes mais comprometidos com a educação, numa perspectiva progressista e, portanto, abertos para as mudanças necessárias em prol do direito de todos a uma educação inclusiva e de qualidade.

A pesquisa em educação realizada na e sobre a ação docente refletida aprofunda o significado dos conceitos das ações de ensinar, de aprender e de pesquisar. O docente em formação, assumindo a função de investigador da própria prática, adota determinadas estratégias para problematizá-la, interpretá-la e analisá-la, tentando produzir novas práticas educativas com vistas à qualificação do ensino e à melhoria da aprendizagem dos educandos.

Para Freire (2020, p. 29) “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Sendo assim, a pesquisa revela-se como parte da natureza da prática docente que oferece possibilidades de aguçar curiosidades, partindo para a busca de um novo conhecimento e de uma nova explicação, ao contrário do que se costuma realizar quando se predomina a soberania da transmissão de conhecimentos. É, portanto, necessário ter em consideração a pesquisa como um princípio cognitivo de compreensão da realidade e como princípio formativo na docência (PIMENTA, 2012).

Nesse sentido, vale ressaltar a experiência com a educação inclusiva vivenciada pelos estagiários autores de um dos textos aqui compilados. Refiro-me ao relato de experiência elaborado por estagiários em situação de deficiência, portadores de surdez. O processo de inclusão reclama por intervenções educativas que garantam a permanência do educando com deficiência no espaço de formação acadêmica. O estudo de Almeida e Ferreira (2018) indica que é necessário ampliar o conhecimento referente à promoção da acessibilidade em suas múltiplas dimensões, a fim de favorecer a formação de um educando diverso, aspecto inerente à inclusão social.

A competência caminha próximo à utopia. O professor competente vai se construindo ao longo da sua carreira docente ao passo que vai construindo sua identidade docente. O seu compromisso e a sua responsabilidade profissional dar-lhe-ão condições para desenvolver novas ações com dimensão prospectiva e emancipatória. Considero a utopia como algo ainda não realizado, porém possível, considerando que “construir o possível significa explorar os limites, para reduzi-los, e as alternativas, para ampliá-las” (RIOS, 2011, p. 111) E, é importante ressaltar que “as condições para a realização de um trabalho competente estão na competência do profissional e na articula-

ção dessa competência com os outros e com as circunstâncias” (RIOS, 2011. p. 116).

A leitura atenta e reflexiva desta edição oferece um panorama discursivo pertinente à realidade escolar e, certamente, mobiliza pensamentos, ideias, opiniões, indagações, dúvidas, críticas, alegrias, sensações, superações, dificuldades, inclusão/exclusão que marcam a nossa incompletude. E, por isso, oportuniza a efetiva dialogicidade e a reflexão crítica sobre a prática social da educação escolar, no intento de compreendermos a realidade na qual os estágios supervisionados acontecem nos espaços escolares ou não escolares. Importa, pois, identificar as possibilidades de novos horizontes que despertem para a busca de novas formas de promover o processo de humanização inerente à educação numa concepção progressista. Sendo assim, trata-se de uma educação inclusiva que lute pela igualdade de condições aos estudantes que apresentam deficiência e sua permanência nos espaços educativos para consolidar sua formação integral e cidadã.

Parabenizo os autores aqui reunidos, bem como seus orientadores, anelando um horizonte de possibilidades na carreira docente, com discernimento, empatia, amor e alegria, valores que caracterizam um educador progressista. Que vocês sempre valorizem a vida e a humanização dos seus educandos e lembrem-se que as curvas não deixarão de surgir, por isso é preciso sempre esperar!

Evanize Custódio Rodrigues

20 de junho de 2022.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. G. de A.; FERREIRA, E. L. Sentidos da inclusão de alunos com deficiência na educação superior: olhares a partir da Universidade Federal de Juiz de Fora. In: **Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. Número Especial. 2018. p. 67-75. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2018/047>. Acesso em 20 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 38ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PIMENTA, S. G. (ORG.) **Saberes Pedagógicos e Atividade docente**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DEMO, Pedro. EDUCAÇÃO CIENTÍFICA. In: **Revista Brasileira de Iniciação Científica**. ISSN 2359-232X. Vol. 1, nº 01, Maio/2014.